

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Victor Canevari Reis Salomão Bezerra

Negação sentencial: possibilidades interpretativas e variabilidade de posições nas sentenças
em português brasileiro e alemão

Rio de Janeiro

2025

Victor Canevari Reis Salomão Bezerra

Negação sentencial: possibilidades interpretativas e variabilidade de posições nas sentenças
em português brasileiro e alemão

Monografia, apresentada à Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como parte das exigências
para a obtenção do título de Licenciatura em
Português e Alemão.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Regina Vaz Calindro

Rio de Janeiro

2025

Victor Canevari Reis Salomão Bezerra

Negação sentencial: possibilidades interpretativas e variabilidade de posições nas sentenças
em português brasileiro e alemão

Monografia, apresentada à Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como parte
das exigências para a obtenção do título
de Licenciatura em Português e Alemão.

Aprovada em:

(Nome do orientador, titulação e Instituição a que pertence)

(nome, titulação e instituição a que pertence)

(nome, titulação e instituição a que pertence)

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio e à orientação de diversas pessoas e instituições, às quais expresso meus mais sinceros agradecimentos. Acima de tudo, agradeço à minha família pelo apoio e incentivo aos estudos, especialmente o apoio à vinda ao Rio de Janeiro, onde está sendo possível concretizar mais uma grande conquista.

À minha mãe Vanessa, que me ensina o valor do trabalho e me dá o suporte e incentivo necessário à vida, ao meu pai Fábio, que incentivou a educação em primeiro lugar desde sempre, a minha irmã Isabelle, pelo apoio e torcida por cada passo dado.

Aos meus avós, Maria Rosa e Manuel, por todo apoio incondicional, paciência e escuta nesses anos. Seus afetos e simplicidade sempre vão me acompanhar. Aos meus avós Ilza e Valdomiro, cuja memória permanece viva em mim. A eles dedico parte dessa conquista, com gratidão eterna por todos os ensinamentos que deixaram.

Aos meus tios Priscila e Marcelo e minha prima Manuela, por vibrarem com felicidade essa conquista e a todo amparo imprescindível para que esse sonho pudesse ser concretizado.

Aos meus amigos, pela companhia e pelo incentivo nos dias mais desafiadores da rotina universitária, vocês foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Deixo meus agradecimentos especiais aos meus amigos, pois foram quem me fortaleceram no processo, estavam sempre disponíveis para trocas e escuta. Eu agradeço imensamente cada um de vocês pela parceria.

À minha orientadora Ana Regina, cuja participação durante a minha trajetória na graduação foi essencial para que este trabalho fosse concluído. Ana me acompanhou desde o primeiro dia de aula, no primeiro semestre de 2022, como professora de Linguística I, até o meu último dia na faculdade, como orientadora. Meus sinceros agradecimentos pela atenção, acolhida, paciência e dedicação comigo.

Por fim, preciso agradecer à UFRJ, uma instituição pública, gratuita e de qualidade, que me proporcionou uma formação sólida, crítica e acima de tudo, humana. Viva a universidade pública brasileira!

RESUMO

Este trabalho investiga a negação sentencial a partir de uma perspectiva gerativista, tomando como eixo central a relação entre a variação nos padrões de negação e a ordem dos constituintes sentenciais nas línguas naturais, em específico em português brasileiro (PB) e alemão. Parte-se da constatação de que a negação é um fenômeno universal, regulado por princípios da Gramática Universal, mas sujeito à variação paramétrica. O PB apresenta um comportamento singular nesse domínio, ao permitir, além da forma canônica pré-verbal [Neg V], as estruturas [Neg V não] e [V Neg], cuja distribuição e interpretação diferem funcional e discursivamente. Este trabalho discute a hipótese de que o surgimento dessas formas inovadoras de negação esteja relacionado ao fato de o português ter sido, até o século XVII, uma língua de sistema V2, sistema que permanece produtivo no alemão contemporâneo. Para tanto, são analisadas as propriedades da negação sentencial em línguas naturais, com especial atenção à Concordância Negativa, às implicações semântico-pragmáticas das diferentes estratégias negativas no PB e às particularidades da negação em alemão. Por fim, examina-se a ordem V2 no português clássico, buscando identificar possíveis conexões históricas e estruturais entre a ordem dos constituintes e a projeção da negação. Ao articular dados empíricos, teoria sintática formal e estudos sobre mudança linguística, este trabalho pretende contribuir para o entendimento da variação paramétrica da negação e dos mecanismos formais que regem sua posição e interpretação nas línguas naturais.

ABSTRACT

This study investigates sentential negation from a generative perspective, taking as its central focus the relationship between variation in negation patterns and constituent order in natural languages, specifically Brazilian Portuguese (BP) and German. The analysis starts from the assumption that negation is a universal phenomenon, governed by principles of Universal Grammar, yet subject to parametric variation. BP exhibits a distinctive behavior in this domain by allowing, in addition to the canonical preverbal form [Neg V], the structures [Neg V não] and [V Neg], whose distribution and interpretation differ in functional and discourse-related terms. This study argues that the emergence of these innovative negation patterns may be related to the fact that Portuguese functioned as a V2 language until the seventeenth century, a system that remains productive in contemporary German. To this end, the properties of sentential negation in natural languages are examined, with particular attention to Negative Concord, the semantic–pragmatic implications of the different negative strategies in BP, and the specific characteristics of negation in German. Finally, V2 word order in Classical Portuguese is examined in order to identify possible historical and structural connections between constituent order and the projection of negation. By articulating empirical data, formal syntactic theory, and studies on language change, this study aims to contribute to the understanding of parametric variation in negation and the formal mechanisms that govern its position and interpretation in natural languages

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A NEGAÇÃO SENTENCIAL.....	10
2.1 A negação sentencial na gramática das línguas naturais.....	10
2.2 O Ciclo de Jespersen.....	14
3. A NEGAÇÃO SENTENCIAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	17
3.1 Os tipos de negação em PB e suas particularidades.....	17
3.2 Apagamento do não pré verbal no PB no processo de gramaticalização.....	21
4. A NEGAÇÃO SENTENCIAL EM ALEMÃO.....	22
4.1 A negação canônica em alemão.....	22
4.2 As particularidades da negação em alemão.....	24
5. O FENÔMENO V2 E A ESTRUTURA [V NEG] EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E ALEMÃO.....	26
5.1 A estrutura V2 na história do português.....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

A negação sentencial é um fenômeno universal nas línguas naturais e desempenha um papel fundamental na estrutura gramatical e interpretativa das sentenças. Seu estudo oferece importantes contribuições para teorias linguísticas formais, como a Teoria Gerativa (Chomsky, 1957 et seq.), além de revelar aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos particulares de cada idioma.

Dentre os inúmeros modos pelos quais a negação pode se manifestar nas línguas do mundo, destaca-se a variabilidade quanto à sua posição na sentença, podendo ocorrer em posição pré-verbal em português brasileiro (PB) (cf. 1a), assim como pós-verbal (cf.1b), e com dois elementos negativos (cf.1c). Em outras línguas, como o alemão, há apenas uma possível posição para o elemento negativo, a pós-verbal (cf.2) . Além disso, a negação pode ser instanciada pela possibilidade (ou não) de concordância entre elementos negativos (cf. exemplo 3) e ao uso de partículas reforçadoras (cf. exemplo 4). Essas características têm sido objeto de investigação desde o trabalho seminal de Jespersen (1917), com a formulação do chamado Ciclo de Jespersen, que explorarei ao longo desta monografia.

- (1) a. As pessoas **não** estão dispostas a pagar o preço.
b. Quero comer agora **não**.
c. A Maria **não** quebrou o pé **não**.

- (2) Ich verstehe dich **nicht**.
eu entendo te NEG
'Eu não te entendo'

- (3) Eu **não** vi **ninguém**.

- (4) Ich verstehe das **gar** **nicht**.
eu entendo isso jeito nenhum NEG
'Eu não entendo isso de jeito nenhum'

A negação é um exemplo de variação paramétrica nas línguas naturais. Sua análise é importante para teorias sobre a Gramática Universal (GU), proposta por Chomsky (1981) dentro da teoria gerativa. Segundo esse viés, todos os seres humanos possuem uma capacidade inata para a linguagem, chamada de Faculdade da Linguagem da qual a GU faz

parte. A GU seria composta por princípios (regras universais, comuns a todas as línguas) e parâmetros (pontos de variação entre as línguas, que podem ser ajustados de maneiras específicas). A negação ilustra esse funcionamento: ela está presente em todas as línguas (por ser regulada por um princípio da GU), mas a forma como cada língua a realiza pode variar, dentro de um conjunto limitado de possibilidades, o que caracteriza um parâmetro. Isso sugere que há restrições universais que regulam sua expressão (Jespersen, 1917; Zeijlstra, 2004).

O PB, por sua vez, apresenta um comportamento singular no que se refere à negação sentencial. Diferentemente de outras variedades do português e de outras línguas românicas, o PB possui múltiplas formas de negação, como exemplificado em (1). Para efeito de maior ilustração, apresento novos exemplos a seguir.

O PB possui como negação canônica a estrutura [Neg V], como podemos verificar em (5). Ao longo do tempo, contudo, o PB desenvolveu duas outras formas de negação (Furtado Cunha, 2009; Teixeira de Sousa, 2012; Calindro, Alonso, Pinto, 2025), [Neg V não] e [V Neg] (cf. (6) e (7), respectivamente).

(5) O Victor **não/num** foi para a escola hoje.

(6) Eu **não/num**¹ fui para a escola hoje **não**.

(7) Fui para a escola hoje **não**.

Essa mudança na negação sentencial é uma das muitas pelas quais o PB tem passado ao longo de sua história (cf. Galves, 2001, 2020). Outro exemplo de mudança relevante para a discussão que será apresentada nesta monografia é a da ordem dos constituintes. Segundo Torres Morais (1993) e Ribeiro (1995), o português foi uma língua V2 até o século XVII. As autoras destacam que essa ordem ocorria principalmente no contexto XVS, como no exemplo a seguir:

(8) Com tanta pazeença² *sofria* ela esta enfermidade (séc.14)

(Kato, 2017, p.3)

¹ Nesta monografia, consideramos a presença da manifestação fonológica *num* enquanto partícula negativa do PB, no entanto, não faremos uma análise fonológica acerca desse fenômeno, pois meu enfoque será na relação sintática entre os componentes das sentenças.

² Neste trabalho, vamos considerar a ordem de constituintes XVS da seguinte maneira: X são os elementos sublinhados e V está em itálico em estruturas com V2- XVS.

O alemão é até os tempos atuais uma língua de sistema V2, na qual a estrutura de negação canônica é XVNeg, como no exemplo a seguir:

(9) Die Kinder *sind* **nicht** im Hof.

as crianças estão NEG no pátio

‘As crianças não estão no pátio’

Tendo esse panorama em vista, a pergunta que permeia este trabalho é se o português ter sido uma língua de sistema V2, teve alguma influência no surgimento tanto de [Neg V não], quanto de [V Neg]. Como veremos ao longo deste texto, cada uma dessas estruturas negativas têm diferentes implicações interpretativas e funcionais em PB.

A fim de delinear uma possível conexão entre o sistema de negação e a ordem de constituintes de uma língua com sistema V2 como o alemão, esta monografia terá a seguinte estrutura: i. além desta introdução, na segunda seção abordarei a constituição da negação sentencial nas línguas naturais, bem como trataremos da Concordância Negativa, que envolve um ou mais itens negativos na sentença. Na seção três, discutiremos os tipos de negação em PB e suas diferentes interpretações. Na quarta seção, abordaremos as particularidades da negação em alemão. Na seção 5, falaremos sobre a posição V2 em português clássico, sistema em comum com o alemão atual.

Como já mencionado, esta monografia parte de uma abordagem gerativista, considerando princípios e parâmetros da GU, dados empíricos de diferentes línguas e reflexões recentes sobre gramaticalização e mudança linguística. Ao investigar o comportamento da negação sentencial no PB e no alemão, espera-se contribuir para o entendimento da variação paramétrica nas línguas naturais, bem como lançar luz sobre os mecanismos formais que regem a projeção da negação, sua posição na sentença e suas implicações interpretativas e discursivas.

2. A NEGAÇÃO SENTENCIAL

2.1 A negação sentencial na gramática das línguas naturais

A negação sentencial é um fenômeno universal nas línguas naturais e, por isso, constitui uma chave essencial para a compreensão da gramática de qualquer língua.

Teixeira (2012) observa em sua tese que a negação sentencial envolve expressões que não estão presentes na afirmação, sendo possível a ocorrência de múltiplos marcadores em concordância negativa, como podemos ver com o uso de *ne... pas* em francês:

(10) Je **ne** comprends **pas** le russe. (Francês)

Eu NEG entendo NEG DET russo

‘Eu não entendo russo’

Como é possível analisar nos exemplos de negação canônica de cada uma das línguas a seguir, percebe-se o comportamento diferente da negação sentencial em línguas distintas. No PB, em (11), a ordem canônica segue uma estrutura simples com a negativa pré-verbal, enquanto no alemão (12) a estrutura reflete o oposto, acontecendo em posição pós-verbal. Já, em francês (13), a dupla negativa *ne...pas* ilustra um tipo de negação bipartida, uma vez que em determinado momento da língua uma única partícula passou a ser insuficiente para negar, como comentaremos em mais detalhes adiante.

Em (13) e (14), temos exemplos da língua Wari’ (Txapakura - Rondônia), que revela uma diferença substancial das línguas indo-européias (Apontes, 2015). Nessa língua, a partícula de negação *ʔom* é associada a uma partícula relativa, que deve concordar com seu sujeito oracional a depender do gênero (masculino, feminino ou neutro). Como vemos nos exemplos, em sentenças afirmativas, tanto o sujeito masculino como o feminino são marcados pela partícula de concordância *na* (13a e 14c). Quando a sentença passa a ter marcação negativa, o marcador muda a depender do gênero do sujeito, *ka* para o sujeito masculino (13b), e *kamaʔ* para o feminino (14b). Esse sistema revela, portanto, uma interface entre o sistema de concordância e a marcação de negação sentencial nessa línguas (Calindro; Apontes; Camargos, 2018).

(11) As crianças **não** gostam de frutas (Português Brasileiro)

(12) Wir sind **nicht** an der Universität (Alemão)

Nós estamos NEG na universidade

‘Nós não estamos na universidade’

(13) a. Trayüʔ ʃo *na* tramaʔ (Wari’/Oro Waram - Txapakura)

escutar bem 3SG homem.M

‘O homem escuta bem’

- b. ʔom ka trayü? ʃo ka trama?
NEG REL escutar bem 3SG.M.Neg homem.M
‘O homem não escuta bem’

- (14) a. Trayü? ʃo na narima? (Wari’/Oro Waram - Txapakura)
escutar bem 3SG mulher.F

‘A mulher escuta bem’

- b. ʔom ka trayü? ʃo kama? narima?
NEG REL escutar bem 3SG.F.Neg mulher.F
‘A mulher não escuta bem’

(Calindro, Apontes, Camargos, 2018, p.55-56)

Além de um item negativo responsável pela negação sentencial, como *não*, em português e *nicht* em alemão, as línguas apresentam a possibilidade de uso de itens de “reforço” da informação negativa. Tal reforço é algo que, de acordo com Jespersen (1917), está sempre presente nas línguas e têm a função estilística de tornar a negação mais vívida, conferindo maior ênfase à negação. Expressões como *not at all* (em inglês), *pas du tout* (em francês), *aldeles ikke* (em dinamarquês) e *durchaus nicht* ou *gar nicht* (em alemão), todas com significado de *de jeito nenhum*, exemplificam esse mecanismo, em que um elemento adicional é incluído na sentença em uma tentativa de intensificar o valor negativo da sentença.

Além disso, muitas palavras que hoje significam *não* em várias línguas denotavam originalmente ‘nada’, como em inglês e alemão, e apresentavam função puramente estilística (Teixeira de Sousa, 2012, p.31). A atual partícula *nicht*, do alemão, funcionou durante o alto-alemão antigo como um advérbio que significava *nada* no idioma e era escrita *niwith* até se tornar o *nicht* atual, se tornando o principal elemento da negação, com significado literal de *não*.

Quando as línguas são comparadas, portanto, encontramos quatro tipos diferentes de variação em negação sentencial (Fonseca, 2005). O primeiro aspecto é em relação às posições do marcador negativo na sentença:

- a) Pré-verbal: Antes do verbo finito, como em português e espanhol

(15) Eles **não são** brasileiros.

(16) Juan **no** ha llamado a su padre.

Juan NEG chamou a seu pai

‘Juan não chamou seu pai’

b) Pós-verbal, depois do verbo auxiliar, como em alemão e inglês

(17) Jonas *ist* **nicht** zur Arbeit gegangen

Jonas aux NEG ao trabalho foi

‘Jonas não foi ao trabalho’

(18) He does **not** *study*

Ele aux NEG estuda

‘Ele não estuda’

Agora, veremos como se comporta a negação em casos de Concordância Negativa (CN), que se caracteriza pela presença de dois ou mais elementos negativos em uma mesma sentença, os quais são interpretados como uma sentença negativa simples. O segundo aspecto refere-se a quando ocorre CN na sentença, como é o caso do francês e do português brasileiro (cf. 19), que estamos investigando neste estudo. Em contrapartida, há línguas que não permitem concordância negativa, como vemos em inglês (cf.20) e alemão (cf.21), pois não se pode usar *not* e *nicht* (não) e palavras negativas como *nobody* e *niemand* (ninguém); *nothing* e *nichts* (nada) em uma mesma sentença em que já uma negação.

(19) Ana **não** sabia de **nada** (português +CN)

(20) Ana knows **nothing** (inglês -CN)

Ana sabe NEG

‘Ana não sabe de nada’

(21) Ich sah **niemand** dort (alemão -CN)

Eu vi NEG lá

‘Eu não vi ninguém lá’

O terceiro aspecto é sobre a negação descontínua, que se dá por meio de construções em que a negação é realizada por meio de dois ou mais elementos negativos

separados sintaticamente na estrutura da sentença, geralmente um ocorre antes e outro depois do verbo. Esses elementos não são adjacentes mas atuam juntos para expressar a negação. O exemplo mais clássico é justamente o *ne...pas* do francês e o catalão (cf.22) (Zeijlstra, 2004).

- (22) **No** serà **pas** facil. (Catalão, +neg descontínua)
NEG será NEG fácil
'Não será fácil'

O último aspecto é o da negação externa, como o *não...não* do PB:

- (23) Eles **não** estudaram ontem **não**. (PB, -neg descontínua, +negação externa)

Apesar de haver dois elementos negativos presentes na sentença, não se trata de um caso de negação descontínua, uma vez que a partícula *não* nesse caso está negando uma pressuposição, ou seja, espera-se que anterior a essa resposta, tenha havido um contexto formal de comunicação. Exploraremos mais detalhadamente o comportamento da negação sentencial no PB e no alemão nas seções seguintes e ao longo desta monografia.

2.2 O Ciclo de Jespersen

Assim como o PB passou por mudanças em seu sistema de negação, como vimos na introdução desta monografia, outras línguas românicas, como o francês também passaram por mudanças.

A esse respeito, é preciso mencionar o trabalho seminal de Otto Jespersen (1917), acerca da posição da negação na sentença. Jespersen propõe que esse lugar varia de acordo com o estágio em que a língua se encontra, ou seja, segundo o autor, a partícula negativa pode se movimentar e estar em diferentes lugares da sentença ao longo da evolução de determinada língua. Para essa movimentação, foi dado o nome de Ciclo de Jespersen .

O autor observou que várias línguas passaram por um enfraquecimento do advérbio negativo original, dessa maneira, houve a necessidade da colocação de um novo marcador a fim de fortalecer a negação. O exemplo mais clássico do Ciclo de Jespersen é o francês, cujo marcador negativo original *ne* se torna fonologicamente fraco, passando a receber o reforço do *pas* que, em um momento anterior, possuía o significado próprio de

passo no léxico francês. Depois de algum tempo, *pas* perde seu sentido de palavra adicional e passa a funcionar como item gramatical negação. Após essa fase, o marcador original *ne* passou a ser suprimido (cf. 24c), logo o que era um reforço pós-verbal passou a ser uma alternativa para a negação sentencial em francês. Esse fenômeno é mais evidente na linguagem falada e/ou informal, uma vez que a ocorrência da estrutura bipartida *ne...pas* continua operando na escrita formal até os dias de hoje, pois é o padrão normativo da língua.

(24) Ciclo de Jespersen - Francês

- a. Jeo **ne** di.
 - b. Je **ne** di **pas**.
 - c. Je dis **pas**.
- ‘Eu não disse’

Conforme ilustra o ciclo acima, uma língua com negação pré-verbal (24a) pode evoluir para um sistema de negação pós-verbal, passando por uma fase intermediária caracterizada pela presença de dois elementos negativos, um antes e outro depois do verbo (24b). Nesse estágio transitório da mudança linguística, prevê-se o enfraquecimento semântico do marcador negativo pré-verbal, como aconteceu com o elemento *ne* em francês. Em seguida, o que diacronicamente era um elemento novo, como o *pas* do francês, passa a ser uma possível estratégia de negação sem a necessidade de acompanhamento da outra partícula, *ne*, no caso do francês.

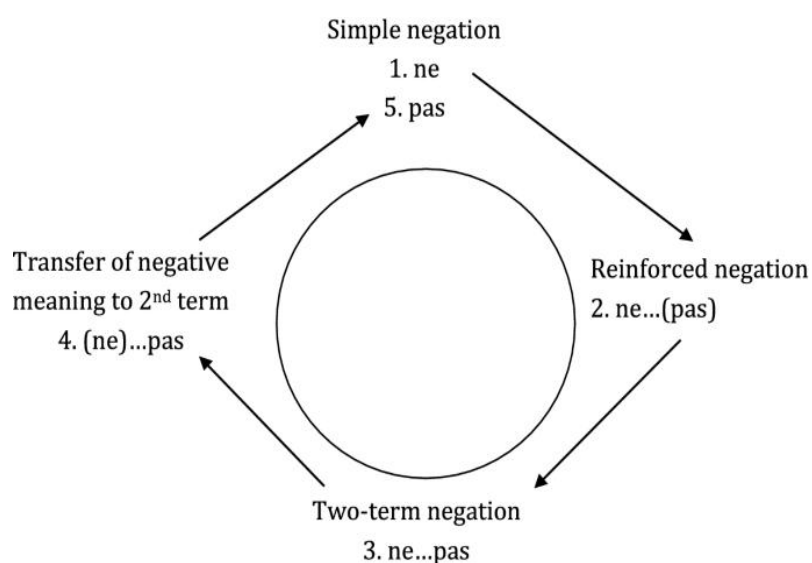


Figura 1 - [Representação do Ciclo de Jespersen na língua francesa]

Fonte: Labelle (2019, p. 160³)

Como podemos observar na figura 1, temos uma representação mais detalhada da evolução da partícula negativa em francês no Ciclo de Jespersen. A palavra *ciclo* sugere justamente que o estágio final do processo retome o ponto inicial, completando uma trajetória circular. Em 1, encontra-se a simples negação, a etapa inicial do ciclo com o *ne*, que gradualmente é incorporada pelo *pas*, até que o *ne* perde força e o *pas* na fase 5, volta a ser a forma simples principal da negação.

Sabendo que no PB é possível a ocorrência de estruturas [Neg V não] e [V Neg] além da forma canônica pré-verbal, muito se especulou sobre a existência de um processo de mudança envolvendo a posição da negação no PB, nos termos propostos por Jespersen.

Vitral (1999) também relaciona a estrutura formada por dois *nãos* ao chamado Ciclo de Jespersen. Amparado pela teoria de checagem de traços no quadro minimalista, o autor propõe que qualquer item com valor negativo, seja a partícula *não* ou um termo lexicalmente negativo, como *ninguém*, por exemplo, carrega o traço formal [+Neg] e, por isso, precisa c-comandar um núcleo lexical na sintaxe visível, isto é, na projeção sintática é necessário que um termo negativo c-comande o outro, logo deve esta estar em uma posição mais alta que o termo c-comandado na representação sintática. Assim, quando um desses elementos com [+Neg] é selecionado na numeração, ele força a emergência, na derivação, de uma categoria funcional Neg igualmente marcada com [+Neg], mas com a particularidade de ser Forte.

Devido ao traço [+Neg] ser Forte em Neg°, ele precisa ser checado imediatamente, o que exige a presença de “não” nessa posição, em português, por exemplo. Como outro elemento negativo pode permanecer na estrutura mais baixa da oração, seja um segundo *não* ou um indefinido negativo, como *jamais*, *ninguém*, surge a dupla negação. Assim, segundo Vitral, a força do traço negativo em Neg° explica por que o português apresenta sentenças com dois elementos negativos, fenômeno compatível com o Ciclo de Jespersen, que prevê fases de reforço e duplicação da negação (Teixeira de Sousa, 2012, p. 56.).

Isso posto, passamos a considerar a hipótese de autores como Vitral de que em PB há características no processo de formação da dupla negação que são próximas ao processo ocorrido no Ciclo de Jespersen. Dessa maneira, considerando ainda as antigas propriedades do português clássico, cuja língua possuía traços fortes de V2, é relevante investigarmos se

³ Ilustração do Ciclo de Jespersen retirado do dicionário etimológico da língua alemã, de Labelle (2019).

a ordem sentencial, considerando o verbo e a negação, influenciou ou não o PB a passar ou não no processo de Jespersen (1917).

3. A NEGAÇÃO SENTENCIAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

3.1 Os tipos de negação em PB e suas particularidades

Como vimos brevemente na seção anterior e na introdução, a negação no PB pode ter mais de uma forma. O PB apresenta três estruturas distintas: (25) [Neg V], (26) [Neg V não] e (27) [V não].

(25) O Victor **não/num** foi para a escola hoje.

(26) Eu **não/num** fui para a escola hoje **não**.

(27) Fui para a escola hoje **não**.

De acordo com Teixeira (2018), cada um dos três diferentes tipos de negação em PB, corresponde a um tipo diferente de negação. Em (25) temos uma negação de evento, em (26) uma negação de proposição e em (27) um caso de negação metalinguística. Nos casos (25) e (26), em oposição ao caso (27), temos um tipo de negação semântica, com diferentes interpretações. As negações de evento e proposição não ocorrem em outras variedades da língua portuguesa, sendo consideradas uma inovação do PB. Ainda assim, a negação do tipo (25) é considerada canônica na língua, enquanto (26) e (27) são tidas formas inovadoras, mesmo que suas ocorrências já tenham registro pelo menos desde o século XIX (Alckmim, 2001).

Na primeira sentença, considerando um caso de negação canônica do PB, a partícula negativa está localizada em posição pré verbal. No segundo caso, de acordo com Schwenter (2005), as estruturas [Neg V Não] funcionam exatamente como uma negação descritiva, ou seja, nessas estruturas o que é negado é a proposição. Apesar de haver dois elementos negativos presentes na sentença, não se trata de um caso de negação descontínua, uma vez que a partícula *não* nesse caso está negando uma pressuposição. Nesse caso, temos que:

(28) A: Os meninos estudaram ontem para a prova?

B1: Eles **não** estudaram ontem **não**.

B2: Eles **não** estudaram PARA A PROVA ainda **não**.

(=eles estudaram, mas não para a prova)

B3: Eles **não** estudaram ONTEM para a prova.

(=eles estudaram, mas não ontem)

Teixeira (2012) argumenta que tal fenômeno serve ainda como reforço à ideia de que [Neg V Não] se diferencia de [V Não] por representar um diferente ato de fala e uma asserção negativa. Então, quando a proposição é apresentada como certa, em casos de um contexto pressuposto, há a tendência de ocorrer a forma [Neg V Não] como resposta. O que essa análise pode nos indicar é que a forma [Neg V Não] em PB não se trata de um item de reforço negativo, mas possui suas características interpretativas específicas para o contexto em que ela está presente, diferenciando-a das outras formas de negação existentes no PB.

Schwegler (1991), assim como Gonçalves (1994), relaciona a estrutura [Neg V Não] à ênfase, mas diferentemente de Martins (2010) e Vitral (1999), não acredita que a redução do *não* pré-verbal esteja relacionada ao surgimento do segundo *não*. Para o autor, esse segundo *não* da estrutura teria se originado como um elemento marcador de ênfase ao final da oração, como o *pas* do francês, separado da oração por pausa e que, posteriormente, teria se tornado um elemento interno à oração: Eu *não* quero, *não* > Eu *não* quero *não*. Para esse autor, essa estrutura é discursivamente marcada, estando relacionada a contextos pressupicionais.

Por outro lado, a estrutura [V Não] também apresenta particularidades interpretativas distintas das outras estruturas. Acerca dessa discussão, Teixeira (2012) defende que [V Não] está relacionada à negação de eventualidades ou situações. Portanto, podemos relacioná-la à negação predicativa, aquela que nega uma situação ou estado de coisas. A ocorrência de [V Não] é vista em contextos de assertabilidade, fortemente marcada em contextos responsivos (respostas). Um exemplo dessa natureza pode ser o que encontramos em (29):

(29) A: Eu vi a Maria com o pé enfaixado. Ela quebrou o pé?

B: Quebrou **não**

Sendo assim, uma pergunta como *A Maria quebrou o pé?* só pode ocorrer num contexto em que exista uma Maria que tenha ou não ferido o pé. Mais uma vez, podemos dizer que o que é negado não é o valor sobre verdade, mas a assertabilidade.

Alguns autores, como Schwegler (1991) e Furtado da Cunha (1996) associam essa alternância de formas a um processo de enfraquecimento da partícula negativa pré-verbal, por isso o uso do reforço do marcador negativo pós-verbal, como reforçador. Indiretamente, essa associação faz referência ao Ciclo de Jespersen.

Nas orações de evento [Neg V], uma situação descrita por um verbo ou uma construção predicativa é negada, ou seja, a negação atua diretamente sobre o conteúdo proposicional do evento. Quando em construções negativas de proposição [Neg V Não] a sentença é completamente invalidada, negando o conteúdo como um todo. Por fim, a negação metalinguística [V Neg] atua sobre o modo como a afirmação foi expressa ou de acordo com aspectos específicos da linguagem.

Os trabalhos de Martins (2010) e Vitral (1999) são importantes na medida em que reconhecem que a redução do *não* pré-verbal, manifestado fonologicamente também por *num*, representa um diferenciador importante entre esse elemento e o *não* final. No entanto, segundo Teixeira (2012), suas análises apresentam problemas quando se considera certos fatos do PB. Se, como afirma Martins, [Neg V Não] é a estrutura básica do PB, o esperado é que essa estrutura fosse possível em qualquer contexto, no entanto, como vários estudos afirmam (Schwenter, 2005; Cavalcante, 2007; Teixeira de Sousa, 2007; Biberauer; Cyrino 2009; dentre outros), ela não ocorre em todos os contextos em que [Neg V] ocorre, como em perguntas-Q e em subordinadas temporais, ou com verbos factivos do tipo “lamento que”, como podemos verificar a seguir:

(30) Onde você **não** vai (**não*).

(31) Quando a Maria não chegou com as bebidas, (**não*) todos reclamaram.

(32) Lamento que você não venha (**não*).

Como discutido em Teixeira (2012), para autores como Schwenter (2005), a dupla negativa ([Neg V Não]) e a negativa final ([V Neg]) são mais sensíveis a propriedades estruturais-funcionais do discurso, sendo usadas a partir de informação dada. Cavalcante (2012) também sustenta que o *não* final de sentenças no PB é responsável pela negação ou confirmação de elementos presentes no contexto discursivo, denominando-a negação anafórica.

Para além das questões interpretativas sugeridas por autores ao longo do tempo, precisamos olhar cuidadosamente para as questões sintáticas. Temos restrição com a estrutura [V Neg] em subordinadas, como apresentado em (33) e (34):

(33) *A menina disse **não** que estava feliz.

(34) A menina **não** disse que estava feliz.

Paralelamente, com relação à [Neg V Neg], em PB a última partícula negativa ocorre no final absoluto da sentença, não podendo localizar-se entre o verbo e complemento (cf. exemplo 33), como já ocorreu em línguas românicas, como a língua francesa (cf. exemplo 36), que passaram pela segunda etapa do Ciclo de Jespersen.

(35). a * A menina **não** come **não** carne.

b. A menina **não** come carne **não**.

(36) Jean *n'* aime *pas* la viande. (Francês)

Jean NEG gosta NEG a carne

‘Jean não gosta de carne’

A motivação pelos estudos da sentenças negativas no PB, se dá em razão das estruturas se comportarem de maneira diferente em relação a outras línguas naturais. Majoritariamente, a estrutura [V Neg] em outras línguas foi observada como um fenômeno *default* enquanto no PB foi observado uma particularidade interpretativa dessa estrutura. O fenômeno *default* foi uma proposta surgida em relação à teoria da GU em crianças na fase de aquisição de linguagem, que consiste no fato de que a criança já traria consigo parâmetros próprios da língua (Hyams, 1983, Fonseca, 2009).

Já a estrutura [Neg V Não], ocorre em outras línguas, em contextos pragmáticos específicos, sem que houvesse tido um processo de mudança linguística (cf. 37).

(37) **No** ho sé **cap** . (catalão, Schwegler, 1983, p.4)

NEG eu sei NEG

‘Não sei mesmo’

Teixeira (2012) reforça que, a ocorrência de itens de polaridade negativa com um marcador negativo, como mostrado nos exemplos acima, é uma característica geral das línguas, como já apontado pelo próprio Jespersen (1917), o francês por exemplo possui o marcador *pas* a partir de um minimizador que funcionava como um item de polaridade negativa, mas para que esse fenômeno faça parte do Ciclo de Jespersen, é necessário ainda que o marcador original perca a capacidade de negar a sentença completamente e se enfraqueça fonologicamente.

3.2 Apagamento do *não* pré verbal no PB no processo de gramaticalização

O apagamento do *não* pré-verbal em PB não se limita à perda de um marcador negativo, mas nos mostra uma construção estrutural na expressão da negação que se assemelha a de línguas como o alemão. Esse processo é relevante porque cria as condições para o surgimento e a consolidação do *não* posposto, deslocando o foco da negação para posições pós-verbais e apontando para mudanças mais amplas na organização sintática da sentença. Esse movimento torna-se ainda mais interessante em nossa análise quando observado em perspectiva comparativa. O *não* pós-verbal do PB apresenta paralelos funcionais e estruturais com a negação pós-verbal do alemão (com o uso do *nicht*), língua que exibe uma sintaxe V2.

Com base na teoria da checagem (Chomsky, 1995), Vitral (1999), recorre ao Ciclo de Jespersen, em que elementos da negação pré-verbal se reduzem ao mesmo tempo que elementos pós-verbais aparecem, com a noção de gramaticalização. Os autores Hopper & Traugott (1993), propõem a seguinte representação para as etapas que envolvem a gramaticalização

(38) a.item lexical > b.item gramatical > c.clítico > d.afixo.

O desaparecimento das partículas pré-verbais pode ser visto como o estágio Ø, posterior ao estágio (d) de (38). No PB, pode-se reconhecer, através da variação envolvendo o par *não/num*, as etapas (b) e (c) acima descrita (Teixeira, 2012).

Para Vitral, um item de valor negativo deve c-comandar um item de valor lexical na sintaxe visível. Para o autor, essa hipótese justifica a ocorrência de itens N(egativos) em posição pré verbal sem a presença do marcador negativo *não*, o que não acontece (e não é esperado) em línguas de concordância negativa.

Na tentativa de compreender as questões acerca do enfraquecimento pré-verbal em PB, Vitral argumenta que o PB é uma língua de traço Neg Forte; que ocorre em função do enfraquecimento do *não* pré-verbal permitindo assim a gramaticalização de um marcador negativo pós-verbal.

Em certas variações linguísticas do PB, a negativa final é bastante produtiva. O estudo de Schwegler (1991), por exemplo, verificou que [V Não] foi mais frequente que [Neg V Não] em dados coletados através de pesquisas sociolinguísticas na cidade de Salvador - Bahia. A isso se acrescenta o fato de que a forma clítica *num* não substitui a forma plena *não*, sendo ainda possível verificar a coocorrência das duas formas.

Assim como observado nas negações pós-verbais do PB, em alemão a estrutura sintática canônica também se configura com o verbo fixado em segunda posição, como será discutido mais aprofundadamente na seção seguinte. Posto isso, é possível traçarmos um paralelo comum em ambas as línguas para compreender possíveis relações com o surgimento de estruturas como Neg V não e V Neg em PB e como isso se deu em processos de gramaticalização. Abordaremos ainda, na seção 5, os vestígios de V2 em português clássico.

4. A NEGAÇÃO SENTENCIAL EM ALEMÃO

4.1 A negação canônica em alemão

A negação sentencial no alemão moderno é, em geral, realizada por meio da partícula negativa *nicht*, que normalmente ocupa uma posição pós-verbal, mas cuja localização exata depende de fatores sintáticos e informacionais.

Em orações com verbos simples, *nicht* tende a aparecer após o verbo finito (cf. 39), mas antes de complementos não focais, enquanto em estruturas com verbos auxiliares ou modais, ela ocorre depois do verbo auxiliar, mantendo-o, portanto, em terceira posição (cf. 40):

(39) *Ich gehe nicht zur Arbeit.*

eu vou NEG ao trabalho

‘Eu não vou ao trabalho’

(40) *Ich kann nicht zur Arbeit *gehen*.*

eu posso NEG ao trabalho ir

‘Eu não posso ir ao trabalho’

Essa variabilidade posicional reflete a interação entre estrutura sintática, foco informacional e ordem dos constituintes na oração alemã. Nos exemplos acima, percebe-se que de acordo com a ordem canônica dos constituintes em alemão, deve-se respeitar a posição verbal em segundo lugar (V2) nesses casos.

Como já brevemente delineado anteriormente, o efeito V2 consiste numa restrição gramatical que determina que, em muitas línguas germânicas modernas, como em sueco, africâner e holandês, o verbo flexionado apareça estritamente na segunda posição do enunciado. Antes dele pode surgir qualquer tipo de constituinte e não apenas o sujeito, enquanto os demais elementos da oração se distribuem após o verbo. Assim, a ordem linear das palavras pode variar bastante, mas a posição do verbo finito permanece fixa, como vimos nos exemplos acima.

O inglês moderno é uma grande exceção, pois : perdeu o sistema V2, preservando apenas vestígios em construções como *Here comes John* ou *Never have I seen*, mas não mantém o padrão produtivo típico das outras línguas germânicas de estrutura V2, , nas quais a negação se estrutura no padrão V Não, que é nosso foco principal de análise neste trabalho e será melhor delineado na seção seguinte. Voltaremos ao fenômeno V2 nas línguas naturais mais adiante, na seção 5.

A principal distinção entre o Inglês e o Alemão no que tange à ordem das palavras, conforme o texto, reside no efeito V2 e na maneira como ele afeta a posição do sujeito quando um Objeto Direto (OD) é deslocado para o início da frase (fronteamento). O Inglês adota consistentemente a ordem SVO (Sujeito-Verbo-Objeto). Mesmo que o Objeto Direto seja fronteado para a posição inicial (OD-S-V), o sujeito permanece antes do verbo, mantendo a sequência S-V-OD, como visto em:

(41) This book, we should give to John.

esse livro nós aux dar ao João

‘Este livro nós deveríamos dar ao João’

Já o Alemão, sendo uma língua que exige o efeito V2, força o sujeito a se deslocar para depois do verbo finito quando um constituinte diferente do sujeito (como o OD) ocupa a primeira posição, resultando na ordem OD-V-S, como ilustrado a seguir:

(42) Diesen Roman las *ich* schon letztes Jahr.

esse romance li *eu* já último ano

‘Esse romance eu já li no último ano’

A explicação estrutural para isso é que o Inglês não possui a propriedade V2, permitindo que o sujeito permaneça em sua posição padrão, o alemão, sim, requer que o verbo finito esteja na segunda posição, obrigando o sujeito a se mover para a terceira ou subsequente posição após o verbo quando o primeiro constituinte é o OD

4.2 As particularidades da negação em alemão

Na língua alemã, a posição da partícula *nicht* pode ser usada para distinguir negação de foco (cf. 43) e negação sentencial (cf. 44), sendo que esta última tende a ocupar posições mais periféricas dentro do domínio verbal.

(43) *Er hat nicht* das Buch gelesen, sondern die Zeitung.

ele aux NEG o livro leu, mas o jornal

‘Ele não leu o livro, mas o jornal’

(44) *Er hat* das Buch **nicht** gelesen.

ele aux o livro NEG leu

‘Ele não leu o livro’

Como posto acima, a posição da partícula *nicht* em alemão desempenha um papel fundamental na distinção entre negação sentencial e negação de foco. Na negação sentencial, *nicht* tem escopo sobre toda a proposição, negando o evento ou ação expressa pelo verbo e, portanto, tende a ocupar uma posição mais periférica dentro do domínio verbal. Em (43), temos toda a ação de “ler o livro” sendo negada; neste caso, a partícula *nicht* localiza-se então na região periférica da sentença, uma vez que em (44) o último verbo da oração está no participípio e precisa obrigatoriamente ocupar a última posição. Sendo assim, a partícula negativa deve se encaixar na parte mais periférica em que é possível de acordo com a gramática alemã.

Acerca da negação de foco, *nicht* incide apenas sobre um constituinte específico da oração, como adjunto, objeto ou adjetivo, aparecendo imediatamente antes do elemento

focalizado (cf. 43). Assim, na segunda oração, a negação recai apenas sobre o objeto “*das Buch*” (o livro), preservando o valor afirmativo do restante da proposição.

Desse modo, a posição sintática de *nicht* revela não apenas a estrutura interacional da sentença, que tem variabilidade, mas também o escopo semântico da negação em que é possível distinguir a negação global da proposição da negação restrita de um constituinte específico.

É importante destacar que o alemão moderno não apresenta concordância negativa, como a coocorrência de *não* e *nenhum/ nada* na mesma sentença, do tipo encontrado em línguas como o português brasileiro ou o francês arcaico. Elementos indefinidos negativos como *niemand* (ninguém), *nichts* (nada) e *nie* (nunca) são normalmente utilizados isoladamente e não coocorrem com *nicht*, o que caracteriza o alemão como uma língua de negação não-concordante (Zeijlstra, 2004). Essa propriedade está em consonância com o princípio da negação única, segundo o qual apenas um marcador negativo é suficiente para negar a oração. Sendo assim, como vimos na seção anterior, o alemão é uma língua de concordância negativa (-CN), pois elementos indefinidos negativos, que se caracterizam como itens de polaridade negativa não formam dupla negação nesse idioma. Logo, podemos dizer que alemão se configura como: [V Neg] , (-CN) e (-neg descontínua).

Durante estudos sobre a variabilidade posicional da negação em diversas línguas, foi citado em Fonseca (2009) um estudo feito com crianças na fase de aquisição de linguagem realizado por Deprez e Pierce (1993, p.50), que mostra realização de concordância verbal e registros de negação pós-verbal na fala, em alemão. Foram eles:

(45) De-de-des geht **nich**

Isto funciona NEG

‘Isto não funciona’

(Ivar, 28 meses, Meisel; Muller, 1990, *apud* Deprez ., Pierce, 1993; p. 122)

(46) Geht **nicht**

Funciona NEG

‘Não funciona’

(Maike, 21 meses, Muller, 1979, *apud* Deprez ; Pierce, 1993; p. 122)

Dessa forma, constata-se que a estrutura [V Neg] é possível nesse idioma, configurando-se como um fenômeno *default*, inclusive atestado na fala infantil.

5. O FENÔMENO V2 E A ESTRUTURA [V NEG] EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E ALEMÃO

5.1 A estrutura V2 na história do português

Como discutimos anteriormente neste trabalho, o alemão possui um sistema rígido de verbo situado em segunda posição na sentença. Alguns trabalhos históricos sobre o português apontam que há vestígios de um sistema V2 tanto no português arcaico (PA) como no português clássico (PC) (cf. Galves et. al. 2020). O PA abrange os séculos XIII e XIV, enquanto o PC é período gramatical intermediário na história do português abrangendo os séculos XV ao fim do XVII (Galves; Namiuti; Paixão de Sousa, 2006). Essa delimitação temporal é crucial para situar a fase gramatical que se desenvolveu entre o português antigo e o português moderno.

Segundo Kato (2017), o português foi um tipo de língua V2 até o século XVII . As características V2 nas sentenças do PA se refletem, sobretudo, em construções com a ordem XVS, as que melhor ilustram os efeitos da sintaxe V2 (Ribeiro, 1995; Torres Morais, 1993).

O gráfico abaixo ilustra, contudo, que houve uma queda na ordem VS no português, o que, segundo a literatura, afeta a presença de V2 no português. Observamos no gráfico a ordem VS com registros de muita ocorrência nos séculos XVII, seguido de uma queda acentuada a partir do século XVIII.

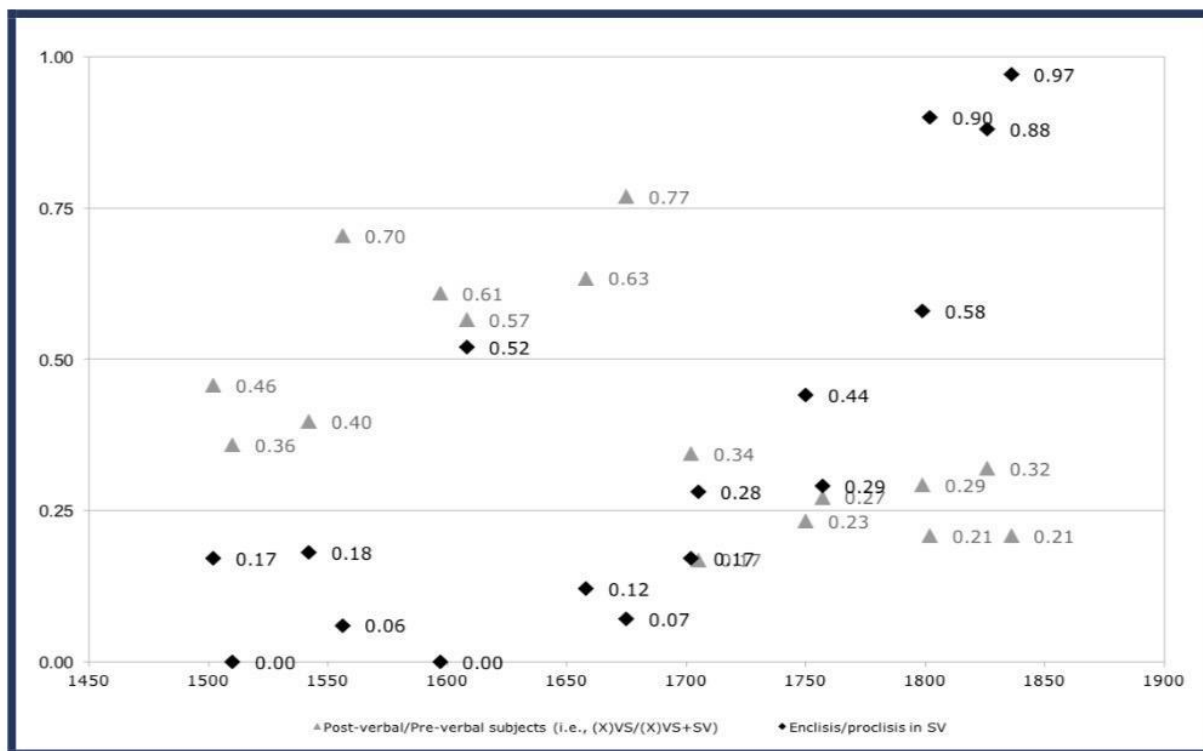


Gráfico 1: A evolução da ordem VS e da ênclise do século XVI ao século XIX

Fonte: Galves e Paixão de Sousa (2017, p.19)

Nesse caso, especificamente em relação a sentenças com um OD frontado, o português e o alemão se assemelham fortemente, pois o verbo fica em posição V2. Em (47), é possível ver registros da ordem XVS a partir do século XIV:

- (47) a. *Com tanta pazeença sofria ela esta enfermidade.* (séc.14)
 b. *Com estas e outras taaes rrazoões arrefeço el-rrei de sua brava sanha.* (séc 15)
 (Kato, 2017, p.3)

Ainda, de acordo com Kato e Ribeiro (2005), outro fenômeno consoante à gramática V2, é uma forma de focalizar contrastivamente, ao posicionar o foco no início da sentença. Isso pode ser feito, através de uma construção pseudo clivada inversa com *é o que*, como se vê também no alemão hoje (cf.49)

- (48) a. *Verdade he o que tu ouvisti.* (séc. 14)
 b. *Aquesto he o que todos devemos a fazer.* (séc. 14)

(49) a. *Richtig ist* (das), was du gehört hast.

Certo é (isso) o que tu ouviste

‘Certo é o que tu ouviste’

b. *Diese CD war* die, die er mir gegeben hat

este CD foi aquele, o que ele me deu

‘Este foi o CD que ele me deu’

Por fim, assim como essas construções declarativas, a construção interrogativa-Q até o período clássico no Português, também obedecia ao padrão V2, vejamos (50):

(50) a. *Que tem* Deus de ver comigo? (séc. 16)

b. (Prudência), *que dizeis* vós? (séc. 16)

c. *Como posso* eu caber aí ? (séc. 18)

(Kato, 2017, p.3)

Especificamente, sobre o século XVII, Antonelli (2011) confirma que nessa fase havia no português uma sistematicidade gramatical que instanciava o fenômeno V2. Seu trabalho se baseou em dois textos do século XVII⁴, um momento específico do PC em que a gramática é considerada relativamente estabilizada (Paixão de Sousa, 2004). Essa escolha visou fornecer uma visão mais adequada e representativa dessa fase gramatical.

Antonelli (2011) verificou que no caso específico de sentenças em que o objeto direto é deslocado para a posição inicial ocorre o fenômeno V2. Além disso, o autor afirma que o PC apresenta um comportamento muito semelhante ao do alemão. Entre todas as orações declarativas matrizes que exibem simultaneamente um objeto direto frontado e um sujeito explícito, observou-se que a ordem OD–V–S em 100% dos casos. Em outras palavras, tal como acontece no alemão, o PC mostra um padrão categórico de posposição do sujeito sempre que o objeto direto é movido para a periferia à esquerda da sentença, veja os exemplos a seguir:

(51) a. Notavel informação deu este Espirito em poucas palavras. – Maria do Ceu.

⁴ Antonelli analisou os textos *Relação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Ellena da Crus* e *A Vida do Padre António Vieira*, escritos por Maria do Ceu e André de Barros, respectivamente. Ambos nascidos na segunda metade do século XVII.

b. Tudo **entendia** a Sobrinha – Maria do Ceu.

c. (...) poucas saudades **teria** este predeterminado espírito de tais grandezas –

Maria do Ceu

(Antonelli, 2011, p.507)

Posto isso, no alemão, essa ordem fixa com o verbo precedendo obrigatoriamente o sujeito após o frontamento do objeto é explicada como consequência do movimento do verbo para o núcleo de CP, uma característica típica de gramáticas V2. Dada a forte correspondência entre o comportamento do alemão e o padrão encontrado no PC, torna-se natural interpretar o fenômeno de modo semelhante. Assim, a ordem linear observada no corpus de Antonelli (2011) sugere que o verbo finito, no PC, também se deslocava para C⁰ nessas estruturas, confirmando a semelhança com V2 em alemão.

Esses dados nos levam a supor portanto que essa ordem XVS é relevante para o surgimento das negativas pospostas em português, do tipo [V Não]⁵.

Retomando, em alemão, o X, em uma estrutura XVS, não pode ser preenchido por Neg:

(51) *Er kommt morgen **nicht**.*

ele vem amanhã NEG

‘Ele não vem amanhã’

Logo, pensando que o português tem resquícios de um sistema V2, como explorado nesta seção da monografia, o sistema tem como possibilidade para instanciar a negação a posição pós-verbal, em que o verbo está em posição V2, como em:

(52) A: Você comprou o arroz.

B: Eu comprei **não**

Voltando mais no tempo, poderíamos também supor que a negação posposta seria uma herança latina, tendo em vista que o latim era uma língua de núcleo final, cuja ordem canônica é SOV. Nesse tipo de língua é comum que o elemento negativo venha após o

⁵ Até o momento, não encontramos na literatura consultada se já foi averiguado quando [Neg V não] e [V não] surgiram historicamente no PB, pretendemos fazer uma busca mais detalhada a respeito em trabalhos futuros.

núcleo. No japonês contemporâneo, por exemplo, a negação é feita através de sufixos como *-nai*, *-masen* ou *-kunai*, que se ligam a verbos e adjetivos, em vez de por meio de uma palavra negativa independente como o *not* do inglês ou *nicht* em alemão, dessa forma, a negação oracional é expressa como um núcleo pós-predicativo.

O estatuto partícula de *nai* como um negador é de natureza adjetival, e as interações complexas com partículas de foco, como *wa*, permitem leituras mais sutis de negação parcial ou contrastiva. Em (53), vemos um caso de negação em japonês.

(53) Watashi wa *ikanai*.

eu TOP *ir*+neg

‘Eu não vou’

Latim também era uma língua SOV que apresentava, no entanto, certa flexibilidade na posição da negação. Em (54a) temos a estrutura negativa canônica, cuja ordem é [Neg V]. Porém, em (54b) vemos que conforme a flexibilidade permitida em latim, a ocorrência de [V Neg] também é possível em estruturas em que há uma possível leitura semântica de focalização (Chaves; Sousa, 2018).

(54) a. **Non** amat puellam

NEG amar.3SG moça

‘Ele não ama a moça’

b. Intellego **non**

entender.1SG NEG

‘Eu não entendo’

Logo, a hipótese deste trabalho é que apesar de, historicamente, o português ter fixado a ordem latina [Neg V], como ordem canônica de negação, seu sistema subjacente permitiu que outras estruturas negativas fossem retomadas. Ou seja, por ter mantido por séculos um sistema com características V2 que, portanto, subjazia sua estrutura argumental, a Neg posposta voltou a ser uma opção do sistema do português.

Dessa forma, o intuito deste trabalho foi analisar as possibilidades de Neg em português, bem como o sistema de negação do alemão. Além disso, investigamos o sistema V2 em português arcaico e clássico, a fim de compará-lo ao sistema V2 em

alemão. Essas observações nos levam à hipótese das inovações no sistema das negativas em português estarem relacionadas à constituição V2 da língua em diacronias passadas. Em trabalhos futuros, pretende-se fazer um levantamento em dados históricos de sentenças negativas para averiguar mais a fundo o ressurgimento tanto das negativas postpostas quanto da dupla negação para poder delinear conclusões mais robustas acerca deste tema.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar o comportamento da negação sentencial no português brasileiro, em perspectiva comparativa com o alemão, à luz da teoria gerativa e de propostas sobre mudança linguística, em especial o Ciclo de Jespersen. Partiu-se da constatação de que o PB apresenta um sistema de negação particularmente complexo e inovador quando comparado a outras variedades do português e a línguas românicas em geral, permitindo, além da forma canônica pré-verbal [Neg V], as estruturas [Neg V não] e [V Neg], cada uma associada a interpretações sintáticas, semânticas e pragmáticas distintas.

Ao longo da monografia, mostrou-se que a negação sentencial é um fenômeno universal nas línguas naturais, mas sua realização está sujeita à variação paramétrica, conforme previsto pela Gramática Universal. Aspectos como a posição do marcador negativo, a possibilidade de concordância negativa, a ocorrência de negação descontínua e o uso de partículas reforçadoras revelam restrições universais combinadas a escolhas específicas de cada língua. Nesse sentido, o PB se destaca por permitir múltiplas estratégias de negação, muitas das quais não se encontram em outras línguas românicas contemporâneas.

A análise dos dados do PB indicou que as três estruturas negativas, com base essencialmente em Teixeira (2012, 2018), [Neg V], [Neg V não] e [V Neg], não são meras variantes estilísticas, mas correspondem a tipos distintos de negação. Segundo Teixeira (2012), a forma canônica [Neg V] expressa negação de evento; a estrutura [Neg V não] está associada à negação de proposição, frequentemente em contextos pressuposicionais; e a estrutura [V Neg] caracteriza-se como negação metalinguística ou de assertabilidade, ocorrendo preferencialmente em contextos responsivos. Essas diferenças interpretativas são acompanhadas por restrições sintáticas claras, como a impossibilidade de ocorrência de [V Neg] em orações subordinadas e a exigência de que o *não* final ocupe a posição final absoluta da sentença.

No plano diacrônico, discutiu-se a possibilidade de relacionar o surgimento das estruturas inovadoras do PB ao Ciclo de Jespersen (Vital, 1999). Embora não se possa afirmar que o PB esteja seguindo exatamente o mesmo percurso observado em línguas como o francês, os dados sugerem que há, no PB, um processo de enfraquecimento do marcador negativo pré-verbal, evidenciado, entre outros fatores, pela alternância *não/num*, e a consequente emergência e gramaticalização de um marcador pós-verbal. Esse cenário é compatível com análises que postulam fases de reforço e duplicação da negação, conforme previsto por Jespersen (1917) e desenvolvido em trabalhos posteriores.

Em seguida, um dos principais aportes deste trabalho foi a articulação entre o sistema de negação do PB e a história da ordem dos constituintes no português. A revisão de estudos sobre o português arcaico e clássico mostrou que a língua exibiu, até o século XVII, propriedades típicas de um sistema V2, muito semelhantes às observadas no alemão moderno. Evidências de como a ordem XVS, o comportamento de sentenças com objeto direto frontado e a posição do verbo finito em C⁰ indicam que o português compartilhou, em estágios anteriores, restrições estruturais hoje características das línguas germânicas V2.

A comparação com o alemão revelou que, em uma língua de sistema V2 plenamente produtivo, a negação canônica é pós-verbal, instanciada pela partícula *nicht*, cuja posição varia de acordo com fatores sintáticos e informacionais, mas sempre respeitando a exigência de que o verbo finito ocupe a segunda posição. Além disso, o alemão não apresenta concordância negativa, diferentemente do PB, o que reforça a ideia de que as línguas diferem quanto à parametrização da negação, mesmo quando compartilham certas propriedades estruturais.

Com base nessas observações, sustentou-se a hipótese de que os resquícios de um sistema V2 na história do português podem ter criado condições estruturais favoráveis ao surgimento e à permanência das negativas pospostas no PB, especialmente da estrutura [V Neg]. Embora o português moderno não seja mais uma língua V2, a persistência de padrões discursivos e sintáticos associados a esse sistema pode ter influenciado a reorganização do domínio da negação, permitindo que estratégias pós-verbais voltassem a integrar o inventário gramatical da língua.

Por fim, este trabalho buscou contribuir para o entendimento da variação paramétrica na negação sentencial, mostrando que mudanças na ordem dos constituintes e na força de traços funcionais podem ter efeitos diretos sobre a expressão da negação. Como perspectivas futuras, sugere-se a ampliação da investigação com base em *corpora*

históricos de diferentes períodos do português, de modo a rastrear com maior precisão a emergência e a frequência das estruturas [Neg V não] e [V Neg]. Estudos experimentais também podem aprofundar a compreensão das restrições pragmáticas e discursivas associadas a essas construções no PB contemporâneo.

Referências

APONTES, Selmo Azevedo. *Descrição gramatical do Oro Waram (Wari/Pacaa Nova, Txapakura): fonologia, morfologia e sintaxe*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

BIBERAUER, Theresa; CYRINO, Sonia. *Appearances are deceptive: Jespersen's Cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance-based creoles*. In: GOING ROMANCE 23. Nice: Université de Nice, 2009. Comunicação oral.

CALINDRO, Ana Regina; APONTES, Selmo Azevedo; CAMARGOS, Quesler Fagundes. Negação sentencial. In: APONTES, Selmo Azevedo; CAMARGOS, Quesler Fagundes (org.). *Propriedades gramaticais dos sintagmas verbais em Oro Wari' (Txapakura)*.: Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2018. p. 55–66.

CALINDRO, Ana Regina; ALONSO, Karen; PINTO, Deise. Mudança Linguística. In: MARTINS, Adriana; PINHEIRO, Diogo. *Linguística Gerativa e Linguística Baseada no Uso: contrastes teóricos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025 (no prelo).

CAVALCANTE, Rerisson. *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afrodescendentes*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

CHAVES, Jennifer Moura; SOUSA, Victor Hugo Ribeiro de. *O reforço da negação no português falado do Brasil*. Revista Alpha, v. 19, n. 1, p. 192–202, jan./jul. 2018.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

GALVES, Charlotte; BRITTO, Helena; PAIXÃO DE SOUSA, Maria C. *The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus*. Journal of Portuguese Linguistics, Lisboa, v. 4, n. 1, p. 39-67, 2005.

GALVES, Charlotte; NAMIUTI, Célia; PAIXÃO DE SOUSA, Maria C. *Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da Língua Portuguesa*. In: ENDRUSCHAT, Annette; KEMMLER, Rolf; SCHAFFER-PRIET, Bruno (Org.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Cuvillier, 2006. p. 45-75.

GALVES, Charlotte. *Mudança sintática no português brasileiro*. Cuadernos de la Alfal, n. 12, v.2, p. 17-43, nov, 2020. ISSN 2218-0761.

HAEGEMAN, Liliane. *The Syntax of Negation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

KAISER, Georg. *A ordem das palavras e a posição do verbo finito no Português Antigo*. In: FERENC, P. (Org.). *Actas do Congresso Internacional Organizado por Motivo dos Vinte Anos do Português no Ensino Superior*. Budapeste: Universidade Eötvös Loránd, 1999. p. 248-261.

KATO, Mary A. *Comparando o português da América com o português de Portugal e com outras línguas*. Unicamp, 2017.

KÖBLER, Gerhard. *Althochdeutsches Wörterbuch*. [S.l.]: Gerhard-Köbler.de, s.d. Disponível em: <https://www.koeblergerhard.de/germanistischewoerterbuecher/althochdeutscheswoerterbuch/ahdN.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2025.

JESPERSEN, Otto. *Negation in English and Other Languages*. København: Høst, 1917.

KRIFKA, Manfred. *The semantics and pragmatics of polarity items*. Linguistic Analysis, v. 25, n. 3-4, p. 209-257, 1995.

MARTINS, Ana Maria. *Negação e estrutura oracional nas línguas românicas*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.

POLLOCK, Jean-Yves. *Verb movement, Universal Grammar, and the structure of IP*. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3, p. 365–424, 1989.

SCHWENTER, Scott A. *The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese*. *Língua*, v. 115, n. 10, p. 1427–1456, 2005.

TEIXEIRA DE SOUSA, LÍlian. *Sintaxe e interpretação de negativas sentenciais no português brasileiro*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

TEIXEIRA DE SOUSA, LÍlian. *Sobre as origens da distinção entre negação de proposição e negação de evento no português brasileiro*. *Estudos de Linguística Galega*, v. especial 1, p. 123–138, 2018. DOI: 10.15304/elg.v1i1.3688.

TEIXEIRA DE SOUSA, LÍlian. *A gramaticalização do não no português brasileiro e a etapa do processo*. *Domínios de Lingu@gem*, *Revista Eletrônica de Linguística*, ano 1, n. 2, 2º semestre de 2007. ISSN 1980-5799. Disponível em: <www.dominiosdelinguagem.org.br>. Acesso em: **16 nov. 2025**.

ZANUTTINI, Rafaella. *Negation and Clausal Structure: A Comparative Study of Romance Languages*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

ZEIJLSTRA, Hedde. *Sentential Negation and Negative Concord*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Amsterdam, Amsterdã, 2004.